

Que venha o Moro

A Operação Lava Jato ameaça levar à lona um xará do campeão mundial de boxe

POR FERNÃO KETELHUTH

José Scarpel, mineiro recém-chegado a São Paulo, caminhava pela Avenida Pompeia rumo ao cartório do Limão, bairro da zona norte, quando uma manchete na banca de jornal lhe saltou aos olhos. Em letras garrafais, à moda da época, o matutino celebrava a vitória de Cassius Clay sobre Joe Frazier na segunda luta da trilogia entre dois dos mais importantes pesos pesados da história do boxe.

Era fevereiro de 1974. Clay ganhara o combate, disputado uma semana antes, por decisão dos juízes. De súbito, a cabeça do metalúrgico virou um trevo. Havia combinado com a mulher, Aparecida, de batizar o primeiro filho do casal com o nome de Pedro Henrique. A admiração pelo pugilista americano e o apreço pela “nobre arte”, porém, instigaram-no a cometer uma ousadia.

Demorou dois dias para contar à esposa que registrara o primogênito como Cassius Clay Scarpel. Aparecida aborreceu-se. Chamou o marido de maluco. Acuado, como se fosse um lutador nas cordas, o pai desajuizado ainda tentou culpar o tabelião, que teria incentivado a brincadeira. A explicação não colou. “Minha mãe me fala que ficou um tempo sem conversar com ele, mas não tinha muito o que fazer, né? O jeito era aceitar a situação”, diz o xará do boxeador, em sua empresa de equipamentos para movimentação de carga, na capital paulista.

Sem querer, José condenou o rebento a uma vida inteira de gracejos. Na escola, os colegas se divertiam com o nome incomum do aluno. Os professores, também. Um deles insistia na piada de que jamais daria nota baixa a Cassius Clay por medo de ser esmurrado. “Pior era a hora da chamada. Sempre escutava risadinhas na minha vez”, lembrou-se. Somente adulto encontrou maneiras de se esquivar da curiosidade alheia. Quando está apressado ou sem paciência, identifica-se como Cássio “para encurtar o papo”. Nos e-mails, assina simplesmente Cassius Scarpel.

Eleito o maior atleta do século XX pela revista *Sports Illustrated*, Cassius Marcellus Clay Jr. herdou o nome do pai, assim batizado em homenagem a um fazendeiro abolicionista do estado americano do Kentucky. Quando se converteu ao islamismo, em 1964, passou a se chamar Muhammad Ali. Muitos jornalistas,

O Cassius Clay que sobrevive recusa-se a ir à lona. “Tenho de honrar o nome de lutador”



porém, seguiram tratando o campeão mundial por Cassius Clay, o que lhe desagradava. Ativista pelos direitos dos negros em uma sociedade untada pelo preconceito racial (vide Donald Trump), Ali queixava-se com frequência de ter recebido o nome de um homem branco.

Descendente de italianos, o homônimo brasileiro do lutador nunca cogitou alterar o RG. Com o tempo, afeiçãoou-se pelo pugilista, embora só tenha assistido a suas lutas em filmes e vídeos compartilhados no YouTube.

Cassius foi fisgado pela rebeldia de Ali. Gosta de falar sobre as transgressões



PIGISTE/AFAP E FERNANDO KETELHUTH

colecionadas pelo boxeador. Sua história favorita acerca do ídolo é tão famosa quanto controversa. Em *The Greatest*, autobiografia lançada em 1975, Muhammad Ali conta ter atirado no Rio Ohio a medalha olímpica de ouro conquistada nos Jogos de Roma, em 1960. Segundo o relato, ele se magoou com o funcionário de uma lanchonete exclusiva para brancos que se negara a atendê-lo. O jornalista David Remnick, editor da *New Yorker*, contesta essa versão no livro *King of The World*, de 1999. Para o autor, é mais provável que o campeão tenha perdido o prêmio.

Cassius Clay morreu em 3 de junho, aos 74 anos, por consequência de

problemas respiratórios desencadeados pelo mal de Parkinson, doença contra a qual lutava havia mais de três décadas. Cassius Clay Scarpel soube da notícia antes do almoço, ao acessar um site de notícias. “Foi um pouco estranho. Parecia que um conhecido meu tinha morrido”, disse. Não houve tempo para luto. “Um amigo me ligou em seguida para perguntar a que horas eu seria enterrado. Faz parte, né? Não me incomoda mais com as brincadeiras. Fico orgulhoso de ter o mesmo nome de um cara que fez uma história bonita, de coragem e superação.”

Cassius vem se inspirando na valentia de Ali para suportar as pancadas da vida.

Vocação. No Cartório Civil, aquele que seria Pedro Henrique ganhou o nome do pugilista. A ousadia do pai resultaria em bronca, em gracejos e num exemplo

Sua empresa, a Roditec, é vítima indireta da Operação Lava Jato, personificada no juiz Sérgio Moro e seu queixo proeminente. A Petrobras e a maioria das empreiteiras investigadas pela Polícia Federal são suas clientes. Somada à crise econômica, a devassa afetou o setor da construção civil, prejudicando quem mantinha negócios com essas organizações.

“Todas as companhias envolvidas na Lava Jato cortaram investimentos. É como em um dominó: quando a primeira peça cai, as outras vão caindo também”, comparou, dando um exemplo genérico para explicar a perda de faturamento. “Uma construtora que até pouco tempo atrás me ligava para encomendar dez carrinhos de carga, hoje, quer tocar a mesma obra com cinco e ainda reaproveita o equipamento em outro serviço. A torneira secou.”

O momento de instabilidade obrigou Cassius a fechar a guarda. Durante os últimos dois anos, ele reduziu pela metade o número de funcionários – restaram cinco. O estoque de equipamentos, antes localizado em um imóvel de 900 metros quadrados na Casa Verde, foi transferido para um galpão duas vezes menor, no Limão. A nova sede, ainda com placas de “Aluga-se” na entrada, cheira a tinta fresca.

Apesar dos percalços, Cassius recusa-se a atirar a toalha. Conserva a esperança em dias melhores e o bom humor. “Já abriram a contagem para mim umas cinco vezes, mas eu tenho de honrar o meu nome de lutador, né? Sei que vou vencer no final.” •

